

## **Intolerância Religiosa Na Escola E Formação Docente – a influência do pentecostalismo no preconceito racial e religioso escolar**

### **Religious Intolerance In School And Teaching Training - the influence of Pentecostalism on school racial and religious prejudice**

DOI:10.34117/bjdv7n2-229

Recebimento dos originais: 08/01/2021

Aceitação para publicação: 11/02/2021

**Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa**

Mestre em filosofia

UPM

Rua Octávio Zani 1-169- Jd.Rosas do sul, 17030-270, Bauru-SP

E-mail: joebarduzzi@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

Procura-se com o presente artigo verificar como a crença neopentecostal dos educadores e a má-formação provinda de inúmeras IES surgidas nos últimos anos, nos cursos de pedagogia tem relação com o aumento de denúncias de preconceito contra a cultura negra e indígena e do não tratamento destas questões no ensino fundamental. Nosso objetivo é duplo, primeiro pesquisar a formação de professores em IES que tem se multiplicado nos últimos anos tem baixa qualidade, e que tal falta de formação crítica, impacta na manutenção do preconceito racial religioso na escola.

**Palavras-chave:** preconceito na escola, formação docente, intolerância religiosa.

#### **ABSTRACT**

The aim of this article is to verify how the neopentecostal belief of educators and the malformation arising from innumerable HEIs that arose in recent years, in pedagogy courses is related to the increase in complaints of prejudice against black and indigenous culture and of non addressing these issues in primary education. Our objective is twofold, first researching the training of teachers in HEIs that has been multiplying in recent years has low quality, and that such lack of critical training, impacts on the maintenance of racial religious prejudice at school.

**Keyword:** prejudice at school, teacher training, religious intolerance.

## **1 INTRODUÇÃO**

Procura-se com o presente artigo verificar como a crença neopentecostal dos educadores e a má-formação provinda de inúmeras IES surgidas nos últimos anos, nos cursos de pedagogia tem relação com o aumento de denúncias de preconceito contra a cultura negra e indígena e do não tratamento destas questões no ensino fundamental.

Nosso objetivo é duplo, primeiro pesquisar a formação de professores em IES que tem se multiplicado nos últimos anos e que tem pouco reconhecimento. Quer se provar

que a falta de uma boa formação em sociologia, como é o caso de IES grandes que tem ministrado esta matéria em modo EaD, junto com vários outros cursos, sem qualquer especificidade quanto as turmas formadas.

O Segundo objetivo é analisar da prática de ensino destes professores no que se refere ao ensino da cultura Afro-indígena hoje obrigatória e como o neopentecostalismo influencia nesse ensino. Requer observar in loco a prática de ensino. Um objeto incidental seria a análise de denúncias de intolerância religiosa, porém já há muita literatura sobre isto que com certeza integrará o relatório.

O preconceito racial com afrodescendentes e indígena é parte integrante e horrível da cultura e história brasileira que infelizmente não foi superada. Apesar da ciência e do simples bom senso provar que não há razão para o racismo ele insiste em permanecer em pleno século 21. O que fazer para que ele diminua? Os caminhos são vários, envolvem desde comunicação, conscientização de rua, mas com certeza a educação tem um papel preponderante.

É necessário desde muito cedo tentar desconstruir o preconceito, uma vez que fica mais difícil quando esse se naturaliza nas opiniões. Cabe ao ensino em toda sua jornada, desde o ensino infantil até a faculdade e até mesmo durante todo o processo de vivência educar para a cidadania e, portanto para minorar o preconceito. Um dos caminhos é trabalhar a realidade brasileira que se constitui profundamente enraizada na história e cultura afro-indígena e mostrar que de certo modo todos somos um e que não há motivos para diferença.

Promover e ensinar a História e Cultura Afro-brasileiras e africanas não é mais (BRASIL, 2003) uma questão de vontade pessoal e de interesse particular. É uma questão curricular de caráter obrigatório que envolve as diferentes comunidades: escola, família, e sociedade. Preconceito é definido pelo sociólogo Nogueira como:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece.. (NOGUEIRA, 1985, p. 78-9)

A lei 10639/03 visa fazer um resgate histórico para que os alunos conheçam um pouco mais o Brasil e melhor a sua própria história. Prevê ainda trabalhar o conhecimento da história e cultura da África a partir do processo de escravidão, bem com conceitos sócio-político-históricos desde o ensino fundamental. Prevê ainda, na tentativa de

amenizar os preconceitos em sala de aula propõe-se que não sejam abordados nas escolas certos temas como raça, racismo, etnia, etnocentrismo, discriminação racial, etc. Apesar da lei pouco ou nada no ensino fundamental tem sido feito de efetivo como técnica para aplicação dessa lei que envolve a cidadania (LIMA, 2006), ficando a cargo apenas do professor do ensino médio, muitas vezes apenas na aula de filosofia/sociologia tentar desconstruir preconceitos, mas nessa idade preconceitos já estariam naturalizados e enraizados na cultura do aluno. Através de entrevistas semi-estruturada e pesquisa bibliográfica o presente trabalho se propõe a apontar certos problemas e propor soluções sala da aula para se trabalhar tão importante conteúdo.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO E PREPARO DOS PROFESSORES**

O dualismo se define pela diferença educacional daqueles que tem acesso a bens culturais daqueles que não tem este acesso. Existe então uma diferença escolar uma escola para aqueles que podem ter acesso aos bem culturais e aqueles que não têm. O dualismo na educação brasileira se firma na própria historia brasileira. Ao organizar-se a sociedade colonial, as benesses da educação e cultura eram apenas dadas a classe dominante. As reformas da educação para todos apesar de multiplicar o acesso a educação essa se constituiu de forma dual, enquanto que os mais ricos tinham escolas melhores os mais pobres ficaram com pior qualidade de ensino. Libaneo define:

O dualismo da escola brasileira em que, num extremo, estaria a escola assentada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada aos filhos dos ricos, e, em outro, a escola do acolhimento social, da integração social, voltada aos pobres e dedicada, primordialmente, a missões sociais de assistência e apoio às crianças. (LIBANEO, 2012. p . 16)

No entanto engana-se quem pensa que o dualismo ficou restrito às fases inferiores e técnicas de ensino. Há o dualismo no ensino superior. Embora louvável e de certo modo positivo, nos últimos anos multiplicou-se o acesso à educação superior brasileira. Porém também multiplicaram-se as faculdades sem qualquer qualidade.

O numero estrondoso de IES (instituições de ensino superior) particulares se multiplicou por quase 20 vezes na ultima década. Porém não foi acompanhado de aumento da qualidade. A pesquisa no INEP(INEP-2011 – dados em <http://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard>) mostra que o números de IES privadas cresceu mais de 20 vezes. A pesquisa de Leda e Mancebo (2009) já demonstrou que apenas ouve uma preocupação em aumentar o ensino superior sem que esse fosse

devidamente fiscalizado. A situação piora pela multiplicação desenfreada de cursos EaD sem qualquer qualificação. Enquanto as IES de referencia sucateamento as publicas passam por um processo de elitização e sucateamento, as privadas são acesso de pessoas mais pobres, porém não há interesse na qualidade( QUARESMA,2000), visto que a maioria absoluta das IES particulares visam o lucro causa do dualismo e da má qualidade de ensino.

A escola que busca lucro e não ciência é produto da estrutura capitalista e tende a multiplicar a má educação visto que é produto do capitalismo e se tendo o lucro como base, não tende a investir em pesquisa e formação e sim apenas se tornar fabrica de diplomas. O dualismo no sistema capitalista de fabricar diplomas se manifesta como de destinação de mercado apenas para ter o mínimo de conhecimento necessário aos sistemas de produção e de reprodução da divisão de classes. (SOUZA & SILVA, 2003). Como o ensino superior, e a maioria das IES que surgiram nos últimos anos só buscam o lucro, acabam contratando professores sem formação, pouca biblioteca e sem laboratórios e outros recursos. O resultado como também demonstrado por Gatti (2010) é um crescente exercito de professores despreparados em especial na pedagogia.

Os professores, que em sua formação não receberam preparo especial para o ensino da cultura africana e suas reais influências para a formação da identidade do nosso país, entram em conflito quanto à melhor maneira de trabalhar essa temática na escola. Nesse sentido, este ponto pode ser um dos obstáculos estabelecidos com a lei 10639/03, porque nessa lei não há nenhuma menção de cursos para capacitação dos professores ou ainda a reestruturação das bases pedagógicas num movimento que resgate e ressalte a importância dessa cultura em sala de aula. Sendo assim, é primordial a preparação desses professores, principalmente os do ensino infantil onde se inicia o desenvolvimento humano e social das crianças; porque é durante a educação infantil que as crianças já começam a conhecer seu corpo, as diferenças e semelhanças entre os colegas do grupo escolhem com quem brincar e se relacionar na escola, tem suas preferências por brinquedos, e, no entanto é fundamental que o educador trabalhe em sala de aula questões sobre diferença e em especial as relacionadas as diferenças raciais, não só com as crianças, mas com as famílias e comunidade.

O que se tem observado na maioria das vezes são esforços isolados de alguns professores incluírem nas atividades pedagógicas assuntos que valorizem o conhecimento de História da África junto aos alunos e a escola. No entanto, muitas vezes, a própria instituição não está engajada para promover o ensino voltado para a diminuição das

desigualdades étnico-raciais. Isto só multiplica o preconceito. Preconceito é definido pelo sociólogo Nogueira como:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece.. (NOGUEIRA, 1985, p. 78-9)

Portanto o preconceito de qualquer espécie, em especial o racial, que ainda hoje é um dos mais presentes na sociedade, precisa ser muito bem delineado e muito bem trabalhado, e não somente com crianças e jovens, mas também com adultos, pois este assunto, não surgiu a pouco, mas já é um caso macróbio<sup>1</sup>.

Como, então, reverter esse quadro preconceituoso que prejudica a formação do verdadeiro cidadão e a educação de todos alunos, em especial os membros dos grupos étnicos, vítimas do preconceito e da discriminação racial? Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de toda a sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados <sup>2</sup>neles pela cultura racista na qual foram socializados, (MUNANGA- 2005, p.17).

O racismo no Brasil é crime previsto na lei 7.716/1.989 e, além disso, em 2003 entrava em vigor a lei 10.639 que obriga a inserção, nos currículos das escolas públicas e particulares. Porém como era de se esperar, depois de muitos anos essa lei está longe de ser atendida, principalmente a pouca importância dada a este assunto pelas novas gerações, principalmente devido à educação atual, que é eurocêntrica, ou seja, influência culturalmente, economicamente, politicamente e socialmente, dificultando a inserção desta lei no ambiente escolar. O preconceito racial, portanto, está ligado a diversas vertentes, não sendo está somente pela raça, mas também por outras características, como social e econômica, sendo então o racismo considerado uma doutrina antropológica e política em alguns países.

Muitas vezes o assunto tratado de forma mecânica. Ao entrevistar muitas professoras oriundas de universidades EaD, no interior de São Paulo, ao serem perguntados como tratavam a temática indígena e negra na sala de aula era a parecida com uma resposta exemplo que ora se seleciona: “as vezes pedimos para o aluno produzir

<sup>1</sup> Macróbio: que ou aquele que chegou à idade muito avançada.

<sup>2</sup> Introjetados: fazer com que alguém absorva ou interiorize alguma coisa: introjetava os saberes que aprendia.

cartazes no dia do índio e no dia da abolição”. Demonstra-se com esse relato que não é trabalhado de forma consistente a se valer um aprendizado a fim de valorizar a herança índia-africana na cultura brasileira. Outro problema que aparece nos relatos é que os sistemas exigem muito do professor a apenas cumprir conteúdo que é focado na alfabetização e matemática e menos na cidadania e que até reconhecem a importância da temática, mas que não dá tempo de trabalhar. Outro problema é falta de capacitação, já que nem todas prefeituras se preocupam com tal prática e o baixo preço dos salários torna impeditiva uma pós-graduação na área.

### 3 O PRECONCEITO CONTRA CULTURA AFRO E OUTRAS RELIGIÕES NO NEOPENTECOSTALISMO

O neopentecostalismo segundo Freston(1999) é a terceira onda de pentecostais. São exemplos: Igreja Universal do Reino de Deus (1977), – que é a mais estudada, a Internacional da Graça (1980), a Igreja Mundial do poder de Deus(1982) e Cristo Vive (1986). Estas três, ao lado de Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994) são as referências principais. Sua característica principal, que a diferencia das clássicas, além dos dons de cura, falar em línguas que é tipicamente do pentecostalismo é a ênfase na teologia da prosperidade. Sobre isso nos diz MATOS (2006):

Ao lado das manifestações espirituais extraordinárias como glossolalia, curas, profecias e exorcismo, os carismáticos e neopentecostais brasileiros caracterizam-se por uma forte ênfase na “teologia da prosperidade,” outra influência norte-americana, difundida por líderes como Kenneth Hagin e Benny Hinn. Este tem sido um dos principais elementos do maior fenômeno ocorrido no protestantismo brasileiro nas últimas décadas: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). (MATOS, 2006, p. 48)

Diferente das outros pentecostais, os neopentecostais tem participação ativa na vida política, elegendo candidatos próprios. Já foram registradas coações e pressão intensa para que o fiéis votassem exclusivamente em seus candidatos<sup>3</sup>. Uma das formas muito usadas pelos neopentecostais para propagar suas mensagens e manter as igrejas

---

<sup>3</sup> No jornal o Globo há uma reportagem que bispo da universal pressiona, sob medo do inferno, os fiéis a votarem no candidato que é pastor da universal. A notícia está na íntegra, assim como vídeo na reportagem de MENEZES Maiá & ARAÚJO Vera: Em culto da Universal, pastor pede votos para Crivella. Vídeo mostra que celebração na véspera do primeiro turno virou ato de campanha, Jornal O Globo: 12 de out de 2014, Acesso em 01/10/2016, disponível em:<<http://oglobo.globo.com/brasil/em-culto-da-universal-pastor-pede-votos-para-crivella-14223709#ixzz4LpjFDO7F>>

com grande frequência é a comunicação em massa. Grande parte de seus investimentos tem sido em mídia, tanto em rádio como em televisão. Quanto a isso nos diz Mariano:

Sua expansão se deve, em grande medida, à eficiência no uso dos meios de comunicação de massas, sobretudo o rádio, veículo no qual sempre fez proselitismo. Nos primórdios, procurava alugar horário nas emissoras logo após o término de programas de pais ou mães-de-santo, para aproveitar a audiência dos cultos afro-brasileiros. (MARIANO 1999, p.66).

Entre os neopentecostais não há ascetismo, ao contrario há hedonismo e uma ética para o consumo e o luxo. Mesmo os mais pobres e explorados, se mantem nessa ética uma vez que a observação mostra que todos os frequentadores desejam e/ou são convencidos das benesses de ficar ricos, logo há o desejo hedonista do consumo. Segundo a obra de Silva Junior (2012, p. 16), “o bem é a prosperidade, simbolismo da dádiva de Deus a todos quantos cumprem seus mandamentos, enquanto a graça são os benefícios materiais adquiridos que ilustram o vínculo com Deus, e consequente sinal de salvação”. Assim se se observar a propaganda a noite, por exemplo, da IURD, enquanto se louva um hino, ao invés de aparecer pessoas ajoelhadas e orando, aparecem pessoas em barcos de luxo, carros luxuosos e caros restaurantes unindo este hedonismo consumista como ideal da benção divina. O mais icônico dos lideres da teologia da prosperidade Edir Macedo, já tendo sido preso por estelionato, afirma em seu livro os supostos benefícios do dízimo:

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do ser humano e atuam nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer....As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus. (MACEDO, 2005. p.68)

Assim se crê no poder do dízimo e oferta. É comum também o mercado de bens religiosos já bens estudados por Leonildo S. Campos (1996b) há inúmeras vendas de produtos sagrados que garantem uma suposta benção: Rosas ungidadas, Rituais de fogueira santa, Vassouras abençoadas, sabonetes ungidados etc... criando um mercado que em nada se parece com a tradição dos protestantes históricos.

Macedo residiu nos Estados Unidos de 1986 a 1989. Quando voltou para o Brasil, transferiu a sede da igreja para São Paulo e adquiriu a Rede Record de Televisão. À medida que construía um império econômico e de comunicações, a igreja também se preocupou em buscar sustentação política, elegendo em 1990 três deputados federais, e



outros mais em anos posteriores. Em 1992, Macedo esteve preso por doze dias sob a acusação de estelionato, charlatanismo e curandeirismo. Um acontecimento que deu grande publicidade à igreja foi o episódio do “chute na santa”, quando, em um programa de televisão transmitido em 12 de outubro de 1995, o bispo Sérgio von Helde referiu-se de modo desairoso a Maria, dando alguns chutes numa imagem da mesma. Apesar dos percalços, a IURD tem crescido enormemente, sendo, graças à sua presença maciça na mídia e aos seus grandes templos nas principais ruas e avenidas de muitas cidades, a mais visível das igrejas evangélicas brasileiras. Segundo o último censo geral, tinha no ano 2000 pouco mais de 2 milhões de adeptos no Brasil, além de muitos templos no exterior.

Freston entende que “a IURD é uma atualização das possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo”.<sup>[40]</sup> A ênfase principal da sua mensagem não é o batismo no Espírito Santo e a glossolalia, mas a teologia da prosperidade (na saúde, nas finanças e no amor), como fica explícito em seu slogan “Pare de sofrer; venha para a IURD”. Em conexão com isso, também pratica o exorcismo de modo bastante explícito. Essa igreja rompe com a pobreza simbólica do protestantismo brasileiro, fazendo amplo uso da visão, tato e gestos, bem ao sabor da religiosidade tradicional do país. Embora seja o líder incontestado, Edir Macedo tem um estilo pouco personalista. A organização da igreja facilita o controle centralizado e a constante inovação metodológica. As atividades são governadas por um marketing agressivo e estratégias ousadas.

Se cria um domínio de única salvação mostrando que só ela tem a salvação. Analisando o citado enunciado de Pieratt, (1993, p. 98), de que “as igrejas neopentecostais não são cristãs, pois se utilizam mais de uma interpretação desviada do antigo testamento e de uma apropriação de linguagem de outras religiões místicas”. acredita-se que o evangelho da prosperidade não se sustenta na autoridade das Santas Escrituras, mas, na autoridade dos “profetas” da atualidade (ou dos carismas). O motivo disto é a ostentação de revelações diretas que tais homens alegam ter recebido de Deus ou de um anjo. Ainda é constante nessa corrente teológica a alegação de que o diabo é culpado por todo mal que acontece às pessoas inclusive a pobreza. Aí está o pior medo do pentecostal em geral, não se trata de ir para o inferno, mas de ficar pobre, pois isso é sinal de desagradar a Deus. Assim as pessoas são controladas pelo medo de desagradar a Deus que supostamente os castigaria os deixando miseráveis. O Deus pregado pelo neopentecostalismo é apresentado como muito próximo da pessoa, como um ser presente, sem intermediários, presente ao alcance e cheio de características humanas e sentimentais. Assim não é o Deus



distante que pune da idade média e sim o Deus que está preocupado com sua conta bancaria.

Se cria desse modo uma crença firme de um deus que quer combater o diabo representado em outras religiões, desse modo os crentes escolhem um firme discurso contra outras religiões pois concorre com os bens simbólicos oferecidos pelo neo pentecostalismo. Segundo o Censo 2010, saltou de 1,8% em 2000 para 6,2% o acesso de evangélicos pentecostais<sup>4</sup> ao ensino superior. Hoje muitas irmãs se formam pedagogas. Infelizmente a visão mítica religiosa muitas vezes supera a da ética educacional resultando em visões e práticas intolerantes.

Uma destas práticas é vista no livro “Plano de poder” de Macedo & Oliveira:

Nas escolas estão tentando colocar nossos filhos contra os valores cristãos ensinando que a homossexualidade é algo normal e que é natural as religiões demoníacas (referencia as afro). Por isso devemos escolher políticos de acordo com a moral cristã, por causa dos nossos filhos (parênteses nossos) (MACEDO & OLIVEIRA, 2008. p.45)

Boa parte do discurso neopentecostal é fundamentando em concorrência agressiva de bens simbólicos como único dono da verdade divina e que se refere a outras religiões como amaldiçoadas. No que se refere a cultura africana, ou seus elementos como a religião a demonizam numa clara concorrência agressiva associando-a a praticas malignas. Assim se cria o discurso de ódio. De forma mais sucinta, Emerson Santiago bem define:

[...] o discurso de ódio é a mensagem que busca promover o ódio e incitação à discriminação, hostilidade e a violência contra uma pessoa em virtude de raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, gênero, condição física ou característica. É usado para insultar, perseguir e justificar a privação dos direitos humanos e, em casos extremos, para dar razão a homicídios. (Santiago, 2014. p.12)

Ainda, segundo nos lembra Juliana Steck:

Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. O direito de criticar dogmas e condutas é assegurado como liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis. (Steck, 2013, p. 33)

Um caso famoso de intolerância é pastor neopentecostal Lucinho que doutrina adolescentes e seus fieis a “não permitir” religiões africanas em suas cidades e escolas.

---

<sup>4</sup>Dados do IBGE 2010

Num vídeo que circulou pelo Facebook neste ano, o pastor aparece pregando em Belo Horizonte. Logo no começo, Lucinho diz: “Outro dia em Belo Horizonte, falaram comigo: ‘Lucinho, vai ter Festa de Preto Velho.’ Eu falei, ‘ninguém me pediu. Não aceito. Não vai ter.’” Então ele explica como estragar a festa alheia. “Cheguei lá no meu grupo de jovens, chamei 20 jovens, e falei: vamos dar um B. O. Na festa de Umbanda.” Eles não foram. E prossegue com seu discurso: “Então fui no melhor departamento de qualquer Igreja. Fui falar com os adolescentes. Cheguei e falei “preciso de 20 malucos para das uma busca e apreensão no Preto Velho.” O vídeo pode ser visto em pregação no site: <https://www.youtube.com/watch?v=Gg6JUj-beGU>.

Como pode-se notar tanto alunos como professores que professam a fé neopentecostal com base nestes discursos podem multiplicar os caso de intolerância dentro da escola já denunciados por Kanbele (2005).

#### **4 OS DIFERENTES TIPOS DE PRECONCEITO E A ESCOLA**

O preconceito está em todo lugar, de várias formas e de e não só distinguido por raças, mas também por gêneros, portadores de deficientes físicos, identidade sexual, segundo Moreira (2005) “para a maioria dos profissionais da educação escolar, a homossexualidade é vista como um grande problema”, pois, quando se trata de um comportamento que é associado a um desvio da norma socialmente aceita, nesse caso, a heterossexual, os preconceitos, a vigilância e a hostilidade atingem tanto os alunos como as alunas.

Os professores estão preparados para qualquer situação de preconceito em sua sala de aula? Muitos profissionais não saberiam como lidar com tais situações. A sala de aula é o principal lugar onde é transmitido conhecimento, regras, leis, valores, respeito, portanto, como no caso de formação de grupos por exemplo, os professores precisam notar se há exclusão de alunos, por qualquer característica, pois as pessoas não nascem racistas ou preconceituosas, elas adquirem ao longo do tempo e da convivência este tipo de atitude. Portanto é necessária uma educação de qualidade, onde todos valorizem a diversidade, integrando grupos e repensando em suas atitudes minimizando as diferenças.

“Há que estimular os professores {e professoras} para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidades em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante ante- racista, antissexista, {anti-homofobica} e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento

pejorativo<sup>5</sup>...). O racismo, o sexismo, {a homofobia}, o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil; não é necessariamente intencional percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violência. E marca de forma indelével a<sup>6</sup>s vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns mais que os outros, mulheres, os negros, os mais jovens e os mais pobres (CASTRO, 2005)”.

É no âmbito escolar que os alunos constroem suas identidades individuais e aprendem os direitos às diferenças, portanto as práticas pedagógicas e políticas socioeducacionais tem o dever de garantir o direito a igualdade para todos, revendo então se a prática educativa valoriza a diversidade. Lembramos que esse trabalho tem a intenção de trazer para a sociedade a minoria do preconceito, e que mesmo sendo crime no Brasil, ainda se vê muitos casos que chegam até levarem a própria vítima se matar e há também muitos casos de homicídio, portanto, é necessário que a vítima se manifeste, ou até mesmo quem esteja presente diante do ocorrido, é levado em consideração que uma pessoa que presencia um ato preconceituoso e não se manifesta é considerado também racista.

## 5 COMO TRABALHAR DIFERENÇAS COM A FAMÍLIA

O princípio da educação é a conscientização, não só dos alunos, mas de toda a sociedade em seus múltiplos aspectos. De nada adiantaria trabalhar com os alunos sem trabalhar na família. O trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores trabalhem para compreendê-las e tê-las como parceiras, pois trabalhar a diversidade étnico-racial com as crianças e família em conjunto é primordial para um trabalho eficaz. Os pais devem ser informados sobre as atividades e participarem juntos trazendo informação sobre as culturas, porque toda informação é válida e rica para a construção pedagógica da criança, onde todas as aprendizagens e experiências pedagógicas necessitam ser envolventes e repletas de sentido. Para aprender as crianças devem ter seus desejos, suas vidas, suas histórias e suas culturas consideradas. Para que isso ocorra às práticas culturais dos grupos sociais devem servir como estudos para as crianças que frequentam o mesmo espaço da educação infantil.

Um problema sempre apontado é a herança religiosa dos pais dos professores e gestores. Ao se trabalhar certos aspectos da cultura africana, certos pais envoltos numa cultura neopentecostal entendem ser maligno aos seus filhos. Uma solução que

---

<sup>5</sup> Pejorativo: que exprime sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo, despectivo (diz-se de palavra ou expressão).

<sup>6</sup> Indelével: que é durável, permanente; que não se pode destruir, suprimir, ou fazer desaparecer totalmente.

encontramos numa escola foi trabalhar a partir dos mitos. O mito demonstra uma herança racial, pois mesmos esses pais de cultura neopentecostal não teme que os filhos trabalhem a mitologia grega ou egípcia, visto que são deuses brancos, mas temem a mitologia africana.

Os próprios praticantes de religiões afro não vêm problema em se tratar como mito, pois o mito não é mentira e sim um modo de transmitir lições e de poder de traduzir a realidade de um modo estético e que as pessoas assumem como verdade mais do que a ciência. Os mitos segundo Campbell, são as historias que conduzem nossas vidas, “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”(CAMPBELL, 2007, p. 14).

Assim desconstruir o preconceito familiar e atender uma necessidade escolar extra classe atender a comunidade ao entorno escolar na sua finalidade educativa. A escola é um lugar onde existem várias etnias. Cabe ao professor ter criatividade e saber trabalhar. A criança já vem de casa com uma “bagagem” de preconceito. Os pais desde pequenos educam para o preconceito mesmo inconscientemente. O preconceito está presente mesmo na hora de montar um grupo para realizar um trabalho escolar.

O espaço educativo deve ser planejado de forma a satisfazer as necessidades da criança, ou seja, tudo deverá estar acessível ao educando, desde objetos pessoais, assim como os brinquedos. Os ambientes de aprendizagem para a igualdade racial devem ser abertos às experiências infantis e possibilitar que as crianças expressem seu potencial, suas habilidades, e curiosidades e possam construir uma autoimagem positiva.

Educar para a igualdade racial na educação infantil significa ter cuidado não só na escolha de livros, brinquedos, mas também cuidar dos aspectos estéticos valorizando e mostrando para as crianças a beleza de todas. Incluir assim, músicas, danças, que fazem parte das manifestações culturais colocando-as no cotidiano escolar. São grandes heranças culturais dos povos Africanos, como a capoeira, maculelê, jongo, samba, umbigada, etc. e merecem destaque no aprendizado das crianças. Cantigas, músicas infantis, fazem parte, porém é preciso diversificar o repertório de musicas trazendo assim para as crianças diversas músicas, de diversas culturas. Proposta de atividade 4 - Através de músicas. A música tem papel preponderante na educação, apesar da LDB(BRASIL, 1996), preconizar a importância da música, nem sempre há essa possibilidade. O despreparado do professor, a falta de professor específico e alto custo dos materiais musicais dificulta a aplicação. Mesmo quando tais barreiras são superadas há pouco interesse ou mesmo preparo para a musicalização índio e negra.

Apresentar variedade de músicas, histórias, brincadeiras, é uma forma de implementar a lei 10639/03 no âmbito escolar, pois “quem não se vê” e não se reconhece, não se identifica; e quem não se identifica tem auto-estima baixa, não se ama e se desinteressa por tudo que o representa.

A pesquisa feita através de alunas de pedagogia em disciplina de história da educação e aplicada em uma escola estadual do interior de São Paulo em na cidade de Avaí, onde há grande afluxo de alunos índios negros e brancos e cujas primeiras pesquisas do doutorado em curso parecem ser positivas no declínio do racismo parecem surtir efeito. Lá por exemplo, se usa muito de brincadeiras que estimulem a equipe, e jogos indígenas tem sido produzido e trabalhado junto ao professor de educação física. Os indígenas, por exemplo, eles trabalham em grupos. Assim deveria ser a escola.

## 6 COMO MUDAR?

Não há como negar a importância da Lei 10639/03 para a nossa história e educação. Apesar das dificuldades e possíveis desvios na sua implementação, sem sombra de dúvida, a Lei é uma conquista e, servirá na construção de novas relações sociais. Sabemos que somente uma Lei não irá mudar a realidade do país, mas o silêncio que reinou durante décadas dentro da Escola sobre a questão do negro e índio, também não resultou em mudanças. O nosso sistema educacional ainda esta em fase de desenvolvimento, diga-se de passagem, em um estágio ainda prematuro, mas essas novas atividades e ideias finalmente estão se fazendo presentes, através de novos projetos e professores realmente valorizem esse conhecimentos e insiram em seus planos de aula despertando uma renovação de práticas educativas. É preciso desenvolver novos trabalhos com a participação de professores, capacitação para os docentes e cursos de formação continuada.

Contudo sem dúvidas nenhuma é preciso fazer com que as escolas avancem com relação a estratégias, ações, projetos e construam novas práticas pedagógicas, e novas posturas, visando a valorização da cultura negra, tendo como foco principal uma educação que contemple a igualdade racial, mostre, no mínimo desde a educação fundamental e infantil a importância das diferenças étnicas.

Tratar da formação do professor e de sua herança religiosa afeta muito a multiplicação de episódios racistas. A pesquisa de Kabele Munanga(2005) associa através de inúmeros relatos a identidade religiosa de professores e diretores como multiplicadores de episódios racistas. Isto precisa mudar. Para mudar precisa de uma pesquisa que além

de apontar episódios de racismo, se isto pode estar associado a crença dos educadores associada a uma má-formação. É o que se pretende no presente trabalho: provocar pesquisadores para que tragam soluções para o apontado problema.

## REFERENCIAS

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da educação*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL. *Documento Base*. I Conferencia Nacional de Juventude. Outubro de 2007. Brasília: 2007. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/1a%20conferencia%20nacional%20de%20juventude%20-%20documento%20base.pdf>. Acesso em: 16 abril de 2013.

BRASIL. Lei 12.593, *institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens*, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm). Acesso em: 23 nov. 2016.

IBGE-2010, *Dados estatísticos sobre religião no Brasil*, [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf),

BRASIL. Lei Federal nº 10.639/03 *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas*. Brasília, 2004: Conselho Nacional de Educação.

CAMPBELL, J. *Mitos, sonhos e religião*. Trad. Ângela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

GATTI, B. A. *Formação de professores no Brasil: Características e problemas*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

HINKELAMMERT, Franz J. *Hacia una crítica de la razón mítica: el labirinto de la modernidade*. México: Editorial Driada, 2008.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Sinopse Estatística da Educação Superior - 2011. Brasília: INEP. 2011. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 14/02/2017

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara de Castro. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÉDA, Denise; MANCEBO, Deise. REUNI: heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. *Educação & Realidade*, vol. 34, n. 1, p. 49-64, já./ abr. 2009.

LIBÂNEO. José Carlos. *O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIMA, Maria Nazaré Mota de (org.). *Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professores em história e cultura afro-brasileira e africana*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; Salvador, BA, 2006.

MACEDO, Edir & OLIVEIRA, Carlos. *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*. Ed. Thomas Nelson. 2008



NOGUEIRA, O. 1985 *Tanto preto quanto branco; estudos de relações raciais*, São Paulo-SP , Edusp.

QUARESMA, M. R. . *Expansão dos Cursos de Pedagogia no Brasil*. In: II Congresso Lusobrasileiro História da Educação, 2000, Coimbra. Resumos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. p. 164.

SOUSA e SILVA, J. *Por que uns e não outros?: Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras,